

Vertente

ANO I - Nº 0 - RIO DE JANEIRO / NOVEMBRO DE 1996

DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA

Fanny Abramovich



Ziguezagues

andanças de uma educadora e escritora

Sistema
alternativo
de
educação



45 anos
de
M^a Clara
Machado



EDITORIAL

VERTENTE é um espaço do repensar e do discutir manifestações culturais voltadas para crianças e adolescentes a partir da perspectiva da obra de arte.

Buscamos associar a prática dos que exercem seus talentos à teoria dos que analisam e embasam teoricamente as realizações artísticas, visando um fazer artístico sintonizado com o seu tempo e com o seu público.

A necessidade permanente de discussão e de troca de informação entre criadores levou-nos a pensar neste jornal como núcleo aglutinador de idéias com a intenção de que se torne um elemento propulsor de movimentos e que atenda à inquietude criadora do artista.

Sempre na contramão do estabelecido, o artista trabalha com a impermanência das verdades e pressupostos, e para manter esta salutar insegurança é necessário que se alimente a dúvida e o questionamento.

VERTENTE busca a inquietação, a polêmica, caminhos e vertentes diversos que arejem, questionem e possibilitem o crescimento contínuo do fazer artístico; abre espaço para a divergência, para o tradicional, o novo, com a plena certeza-cheia-de-dúvidas de que jamais encontraremos as respostas; estas são parcialmente reveladas em cada tênue tentativa expressa, timidamente, na obra de cada um de nós.

EXPEDIENTE

Diretor: Carlos Augusto Nazareth

Diretor Comercial: Fábio Oliveira

Editoria de Literatura: Benita Prieto

Editoria de Teatro: Carlos Augusto Nazareth

Conselho Editorial: Anja Bittencourt, Benita Prieto, Carlos Augusto Nazareth e Lúcia Cerrone

Colaboradores: Anja Bittencourt, Antônio Abreu, Benita Prieto, Carlos Augusto Nazareth, Cláudia Miranda, Djalma Thurler, Eduardo Bakr, Eliana Yunes, Eva Spitz, Flávio Graff, Lucia Cerrone, Grupo Morandubetá, Mânia Millen, Márcia D'Angelo, Marco Auré e Maria Helena Nazareth

Supervisão Editorial: Eva Spitz

Projeto Gráfico: Marcelo Martins

Ilustrador: Flávio Pessoa

Revisor: Leonardo Mendes

Secretaria: Gustavo Paso

Jornalista Responsável: Antônio Abreu - Reg. 14.900/67/65

Editorial do no. Zero: Carlos Augusto Nazareth

Rua Vicente Licínio, 154/102 - Tijuca - tel/fax: 569-5680
Tiragem mensal de 10 mil exemplares

	REPORTAGEM
	Projeto Social da Mangueira
TEATRO	
Tablado 45 anos	
	TEATRO
	Panorama do Teatro Infantil
TEATRO	
Dicas e resenhas	
	ENTREVISTA
	Fanny Abramovich
LITERATURA	
Projeto Leia Brasil	
	LITERATURA
	Contadores de histórias
	Literatura Infanto-juvenil
LITERATURA	
Toques literários e resenhas	
	MÚSICA
	Panorama Musical
ARTES VISUAIS	
Livros e vídeos infantis	
	DANÇA
	Novas vertentes da dança
ENSAIO	
Psicologia	
	ENSAIO
	Arte-educação

Vertente

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA:
ESCOLAS - BIBLIOTECAS - TEATROS
CASAS DE CULTURA - CENTROS CULTURAIS

ONDE ENCONTRAR

RIO DE JANEIRO

Bibliotecas populares do RJ (20)

Casa da Gávea

Casa da Leitura

Casa das Artes de Laranjeiras

Casa de Cultura Laura Alvim

Casa de Rui Barbosa

Catsapá

Centro Cultural Banco do Brasil

Centro Cultural Calouste Gulbenkian

Centro Cultural da Light

Centro Cultural da SBAT

Centro Cultural Gama Filho

Centro Cultural Laurinda Santos Lobo

Centro Cultural Oduvaldo Viana Filho

Escola de Música Villa Lobos

Escola de Teatro Martins Pena

Espaço Cultural dos Correios

Espaço Novo

Livraria Malasartes

Museu da República

Museu do telefone

O Tablado

Paço Imperial

Sindicato dos Artistas

Teatros da Cidade (30)

Timbre

UNI-RIO

PETRÓPOLIS

Livraria Obelisco

NITERÓI

CINE-ART UFF

SÃO PAULO

Centro Cultural Vergueiro

Teatro Ventoforte

VOLTA REDONDA
GACEMSS

Um contador de histórias... um fazedor de Histórias

Benita Prieto

Na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 1995, Roberto Carlos Ramos contava algumas das histórias do seu livro **Marambaia**, lançado pela Editora Dimensão. Ao final, as crianças o cercavam e pediam autógrafo àquele mineiro totalmente desconhecido. As surpresas continuaram quando disse ter 30 anos e dez filhos que o chamavam de *véio* - todos ex-meninos de rua, hoje sob sua guarda.

"Eu fui o décimo filho de uma família muito pobre, em Belo Horizonte. Faltava tudo, inclusive comida. Diante das dificuldades me colocaram na FEBEM, com apenas seis anos. Passei a conviver com meninos mais velhos, que já tinham uma história de rua. Com eles aprendi que a rua era um paraíso. Encantado com o que diziam, fugi pela primeira vez e fiquei três dias fora. Achei aquela vida maravilhosa. Perdi a conta de quantas vezes fugi; mas voltava sempre, levado pelo Juizado de Menores. Já não mais me adaptava a lugar nenhum e começaram a me tratar como 'garoto problema'. As minhas referências começaram

a mudar. Perdi contato com minha família e fui apagando todos de minha memória. Sentia que o mundo era o grande culpado de eu estar na rua. Meu semblante foi mudando. As pessoas passaram a ter medo de mim.

Aos 13 anos conheci a pedagoga francesa Margerith Duvas, que estava no Brasil para escrever uma tese sobre educação alternativa, e ver as 'maravilhas' da FEBEM; a primeira que viu foi a minha chegada num carro de polícia: 'Esse menino não tem mais jeito!' Ela se aproximou e disse que gostaria de conversar comigo. Fiz de conta que conversaria com ela, despistei a polícia e fugi. Três dias depois na Praça da Estação, ouvi alguém gritando: 'Roberto, está lembrando de mim?' De forma muito doce ela me olhou e disse que gostaria que eu passasse uma semana com ela, para uma entrevista. Pensei em ficar, roubar alguma coisa e depois dar o fora. Acabei ficando cinco anos, em que aprendi francês, tive 27 professores particulares, e tirei os diplomas de primeiro e segundo grau.



Roberto Carlos contando histórias.

Aprendi a gostar da minha 'fada-madrinha' como se fosse minha mãe. Ao seu lado aprendi a acreditar em mim, abandonei o complexo de inferioridade, e passei a exigir que as pessoas me respeitassem como ser humano.

Margerith voltou para a França, quando iniciei o curso de Pedagogia. Iria reencontrá-la aos 21 anos. O tempo passou, estava tudo certo para minha viagem, quando recebi a notícia de que ela havia falecido".

Roberto Carlos hoje é pedagogo e assessor de comunicação de Sec. Mun. Esportes de B.H.

Vertente

agradece a DOMINGOS OLIVEIRA e ao PLANETÁRIO DA GÁVEA

e anuncia a programação do TEATRO BERTOLD BRECHT.

.AMORES

.CONFISSÕES DE ADOLESCENTES

.CABARET FILOSÓFICO

estréias

.ALMAS MOLHADAS

.PRIMEIRA VALSA

jornal

O TEATRO JOVEM

Leia

Anuncie

Participe

informações

539-2478

266-5478

MANGUEIRA... depois do amanhã!

Marcia D'Angelo

Enfim o governo brasileiro já tem onde se referenciar para tirar do limbo as crianças brasileiras que vivem atiradas, dormindo ou pedindo esmola pelas ruas das cidades: é o Projeto Social da Mangueira, criado há nove anos pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Inteligentemente orquestrado, o projeto tem se desenvolvido graças a acordos com empresas, seja para absorção dos meninos no mercado de trabalho, seja aplicando as suas verbas de publicidade institucional no projeto.

Criado para evitar a marginalização das crianças que moram na favela mais querida da cidade, educando-as, cuidando de sua saúde, ocupando-as em projetos de esporte e colocando-as no mercado de trabalho, a cada três meses, o Projeto da Mangueira forma 300 adolescentes, especializados em datilografia e em conhecimentos geográficos sobre o município. Entre outros aprendizados, eles são encaminhados para o trabalho através de um convênio feito com 50 empresas sediadas no Rio de Janeiro.

Patrocinado desde 1987 pela XEROX do Brasil, o projeto olímpico da Mangueira vai muito bem, obrigado. E tem sido motivo de muito orgulho dos mangueirenses. Já lançou atletas de alto nível, como os campeões brasileiros e sul-americanos Tamara Rodrigues do Nascimento, Fábio Abreu, Marco Aurélio e Aline Roberta, entre tantos.

Com o apoio da Golden Cross, foi criado um mini hospital que atende em média 1400 pessoas da comunidade mangueirense e do povão, em geral, por mês. E com apoio do Leite de Rosas, dá-se continuidade ao projeto Mangueira do Amanhã, criado, entre outros, pela cantora Alcione, que investe em novos talentos musicais. É uma das únicas escolas de samba a apostar na boa formação de seus sambistas, além de promover a criação de bandas Afro, que valorizam as raízes negras do samba.

O projeto da Mangueira hoje se estende às comunidades de Jacarezinho e Manguinho, atendendo cerca de quatro mil crianças que aprendem a acreditar num futuro melhor

VILA OLÍMPICA, O PONTO FORTE.

Não é à toa que ídolos do futebol como Pelé e Romário já estiveram visitando e incentivando o projeto. "As crianças se sentem atraídas ao projeto quando sabem que seus ídolos o estão apoiando, e são seduzidas a participar principalmente por causa do lado

esportivo. Já ganhamos muitos troféus aqui. A maioria das modalidades compete oficialmente dentro e fora da Vila. Somos pentacampeões brasileiros em atletismo na categoria infanto-juvenil".

A Vila Olímpica da Mangueira engloba uma área de 35 mil metros quadrados onde estão distribuído um centro esportivo com quadra polivalente, pista de atletismo de 200 metros, campo de futebol, piscina, o ambulatório que funciona em parceria com a Golden Cross, e um Cie-p-escola em perfeitas condições, atendendo cerca de 800 crianças de 5 a 17 anos.

"Aqui as crianças aprendem a respeitar os outros e ter disciplina para tudo, deixando para trás a marginalidade. Os pais envolvidos com o tráfico de drogas querem dar ao filho a chance de uma nova vida", explica o diretor de esportes da Vila e um dos pioneiros do projeto, Aguinaldo Saritana.

Ao todo são 112 profissionais e técnicos de educação, selecionados de acordo com sua formação e qualidade profissional e mantidos pela Xerox do Brasil, que contribui com R\$30 mil mensais para a viabilização do projeto. Um centro de informática e cursos profissionalizantes de datilografia e de corte e costura preparam os menores para o mercado de trabalho. "Educação para o trabalho" é parte do projeto em parceria com o Governo do Estado do Rio de Janeiro que dá assistência profissional às crianças através de estágios em grandes empresas. Cerca de 400 menores já foram beneficiados.

"Com isso tudo a criança pode ter uma vida digna, conforme estabelece o estatuto da criança. O resultado está no maior índice de alfabetização e no menor de crianças/menores infratores na região. Por isso, também, recebemos o prêmio de melhor projeto social dos países do terceiro mundo pela BBC de Londres em 94. A aceitação da comunidade é total", conta o diretor da Vila Olímpica da Mangueira, professor Francisco de Carvalho.

Através de um projeto de integração com os colégios da redondeza, as crianças podem participar das atividades promovidas na Vila Olímpica. "O clima na Vila Olímpica é de alegria e companherismo. É muito gratificante trabalhar nesse projeto exemplar", afirma o professor Marcos André.

É uma prova de que talentos não faltam nas classes populares. É só não soterrá-los.



Vila Olímpica da Mangueira.

UM FÃ ARDOROSO DO PROJETO

O Juiz Siro Darlan, da 1ª Vara de Infância e Adolescência, é um apaixonado pelo projeto de arte e educação desenvolvido pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Ele acompanhou a implantação do projeto na comunidade e foi um dos primeiros a elogiar publicamente a iniciativa. Em entrevista exclusiva ao VERTENTE, o juiz afirma, entre outras coisas, que trabalhos desse gênero ajudam a afastar as crianças da criminalidade:

V - O senhor certa vez afirmou que o índice de criminalidade infantil na Mangueira diminuiu muito depois da implantação do projeto. Esse é um fato estatístico?

S.D. - É um dado comprovado! Durante um longo período depois da implantação do projeto, e principalmente da abertura da Vila Olímpica, os índices de criminalidade na comunidade diminuíram drasticamente. Com o tempo, aconteceu uma história ou outra de infração, mas foram casos isolados. Não dá para computar porque muitos menores de outros lugares, quando presos, mentem dizendo que são da Mangueira. Mas considero essa uma iniciativa vitoriosa. Posso dizer hoje que o índice de criminalidade entre os menores na Mangueira é praticamente zero.

V - O senhor conhece outros projetos desse tipo que também tenham dado certo?

S.D. - Não há outro projeto dessa natureza na cidade.

V - A seu ver o que tornou esse trabalho tão bem sucedido?

S.D. - Ele valoriza a criança, que aprende a ter respeito pela cultura, esporte e lazer. Todos os programas são inseridos dentro da vivência comunitária. Os meninos se sentem acolhidos e respeitados. Não só pela maioria das pessoas da comunidade, como também pela família que é chamada a participar e a acompanhar o trabalho dos filhos. Acho que tudo isso impede que a criança fique solta na rua à mercê da criminalidade.

V - Quais são os pontos básicos do projeto da Mangueira que o senhor destacaria?

S.D. - Há uma preocupação global de inserir a criança no contexto cultural, educacional e artístico da sociedade. Para ela participar do projeto, por exemplo, precisa estar cursando uma escola. Há até uma preocupação profissionalizante, com cursinhos preparatórios e acordo firmado com a Xerox do Brasil, que permite a entrada dessas pessoas no mercado de trabalho.

V - O senhor então aprova a iniciativa da comunidade mangueirense sem restrições?

S.D. - Sou um fã ardoroso do projeto. Acho até que se outras comunidades investissem nessa área, o índice de criminalidade infantil na cidade cairia drasticamente. Mas acho também que a comunidade que quiser implantá-lo terá que seguir seus próprios caminhos. Ela tem que se sentir estimulada para desenvolver um trabalho direcionado à sua própria realidade. Nesse sentido, a Mangueira é um ótimo exemplo.

MARKETING CULTURAL

Ministrado por:

Ricardo Brito

Diretor de Brito Produções

Consultor de Marketing

De:

20/11 a 11/12

(somente as quartas-feiras)

Horário:

20h às 22h

Local:

Casa da Gávea

Informações:

539-2478

239-3511

266-5478

Tablado 45 anos

Lúcia Cerrone

Nascido em 28 de outubro de 1951, o Tablado, entre outros atributos, é do signo de escorpião. No caso, todo cuidado é pouco. Com o espírito que se renova mesmo nas maiores derrubadas, o teatrinho do Patronato da Gávea chega aos 45 em grande forma. Lá, desde 51, para que não reste nenhuma dúvida, a generalíssima Clara continua no poder.

Maria Clara Machado era um desastre nas prendas domésticas. Um dia seu pai, o escritor Aníbal Machado, fez um teste: Colocou uma toalha no meio da escada e pediu que a família ficasse toda olhando. Clara passou pela toalha num pulo direto para a escada. Ele não hesitou: Eu não disse?! Assim a moça foi trabalhar na Panair, e depois no Consulado inglês. No Patronato da Gávea começou como assistente social. Mesmo com a casa cheia de reuniões de intelectuais, foi junto com seu trabalho no Patronato que começou a escrever peças de teatro. Todas para teatro de bonecos. **Pluft** é desta época. Com uma bolsa que ganhou do Consulado da França, estudou por um ano na Europa. Na volta fundou o Tablado.

Logo no primeiro ano lá já estava o poderoso *staff* feminino que comanda o Teatro até hoje. Vania Velloso, Eddy Resende e naturalmente Maria Clara Machado. Também dos primeiros anos são: Kalma Murтинho, Rubens Corrêa, Carmem Silvia Murgel (o primeiro Pluft), Napoleão Moniz Freire, Yan Michalski, Bárbara Heliadora, Paulo Padilha, Ivan de Albuquerque e Roberto de Cleto, entre outros.

As cortinas se abriram em 51 com **O Moço Bom e Obediente**. No mesmo ano ainda estrearam **O Pastelão e a Torta** e **A Moça da Cidade**. Com um repertório que incluía Garcia Lorca e Moliere, Clara escreve e dirige sua primeira peça para crianças em 1953, o auto de



natal **O Boi e o Burro no Caminho de Belém**, sua primeira peça premiada. A segunda foi em 54, **O Rapto das Cebolinhas**, e a terceira só não foi em 55 porque seu pai não deixou que ela concorresse com **Pluft, o Fantasma**. Disse que ficava feio, que ela já era *hors-concours*. Em entrevista no ano passado, pelos 40 anos de **Pluft**, Clara declarou: "Papai já me considerava *hors-concours*" - um título que ela odeia e se justifica - "se estou viva estou concorrendo". Porém Pluft se vingou. No ano de estréia ganhou todos os prêmios de montagem. É hoje a peça de Maria Clara mais traduzida pelo mundo a fora.

Mas nem tudo no Tablado sempre foi tão calmo. Se no início, em 50, era a época da implantação, consolidada nos anos 60, a década posterior chegou cheia de contestação à filosofia do Teatro. Num artigo sobre os 20 anos do Tablado para **O Jornal**, José Arrabal aconselhava Clara a "virar a mesa" depois da festa. O conselho soava estranho para a autora que teve sua peça **Maria Minhoca**, de 1968, contestada pela censura federal, por haver nela um certo Capitão Quartel. Na mesma época uma novíssima geração saía

do "conservador" Tablado foi responsável por um dos mais significativos movimentos teatrais e de comportamento: "O Asdrúbal Trouxe o Trombone", o "Manhas e Manias" e o "Pessoal do Despertar".

Nas décadas seguintes o Tablado continuou a formar atores que, hoje, com suas carreiras solo, sempre voltam ao teatro, seja para dar aula, participar de alguma montagem, na época das estréias, ou até para o famoso chá das 5, um evento diário concorridíssimo, que acontece no segundo andar do prédio, na salinha que fica em frente à secretaria. O enorme elenco, espalhado pelas artes teatrais em todo país, está assim escalado: Sura Berditchevsky, Bernardo Jablonski, Guida Vianna, Paulo Reis, Dora Pellegrino, Wolf Maia, Cininha de Paula, Bia Nunes, Lupe Gigliotti, Jorginho de Carvalho, Malu Mader, Claudia Abreu, Louise Cardoso, Fernanda Torres, Ubirajara Cabral, Jaqueline Laurence, Anna Letycia, Antônio Bivar, Ary Coslov, Ernesto Piccolo, Vanda Lacerda, Eduardo Tornaghi, José Lavigne, Andrea Beltrão, Luis Carlos Tourinho, Cico Caseira, e muito mais gente do que se possa imaginar.

A festa que começou no Tablado em 1951, como todo mundo sabe, não tem hora pra acabar.

Lúcia Cerrone é pesquisadora, jornalista e crítica de teatro

Para comemorar os 45 anos do Tablado Maria Clara Machado escreveu seu 25º texto para o público infantil: **A Bela Adormecida**, dirigida por sua sobrinha Cacá Mourthé. O texto, na versão de Maria Clara, ganha um novo personagem, o Tempo. A ação se passa na Idade Média, com cenários de Maurício Sette e figurinos de Kalma Murтинho. Em cartaz no Teatro Tablado, na Av. Lineu de Paula Machado 795, Jardim Botânico, aos sábados e domingos às 17:00h (294.7847).

Vertente

VERTENTE É DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NOS TEATROS E EM 30 CENTROS CULTURAIS. MAS SE VOCÊ DESEJA RECEBÊ-LO EM CASA, FAÇA UMA ASSINATURA, ENVIANDO SEUS DADOS E UM CHEQUE NOMINAL A CARLOS AUGUSTO NAZARETH PRODUÇÕES LTDA. RUA VICENTE LICÍNIO, 154 - TIJUCA.

PREÇOS VÁLIDOS PARA TODO O BRASIL
SEMESTRAL - R\$ 10,00 ANUAL - R\$ 20,00

TEATRO INFANTIL: "Como vai, vai bem?"

Anja Bittencourt

Especialistas analisam o teatro infantil

"Sinto que agora um autor se *consagra* e um cenógrafo se *consagra*, e um ator, e um iluminador etc.... E a meta é essa: consagração. O indivíduo está à frente do espetáculo, o que pode atrapalhar uma boa visão por parte da platéia. O respeito profissional passou a vir do sucesso pessoal, e não do percurso de uma linha de reflexões e indagações.

Acho admiráveis os seminários propostos pela Coca-Cola/ Ricardo Brito. Creio que uma boa autocrítica sobre ideologia, ética e estética seria bem-vinda. Polêmica não mata: gera novas tendências."

Caíque Botkay

"Hoje eu identifico dois blocos muito bem definidos no teatro infantil. De um lado existem produções sofisticadas em sua apresentação, mas pobres em sua essência. É a crise cultural que vivemos. Mas este teatro é cíclico, ele não dura muito.

De outro lado existem as produções que conhecem o seu público, que pesquisam a criança, a sua linguagem e o seu universo. Todos deste bloco apresentam os seus trabalhos também com sofisticação, mas com conteúdo. O público já sabe identificar estes dois blocos. Eles sempre nos assistem."

Eveli Ficher

"O imenso balaio de gatos que favorece a impressão de que fazer 'teatrinho' e enganar criança é moleza ainda é uma realidade e prejudica o trabalho sério; porém as crianças de hoje têm opções variadas e bem melhores.

Hombu, Intrépida Trupe, Cia. de Teatro Medieval, Cia. Teatral Nosconosco, Núcleo de Teatro para a Infância, Cia. Dramática de Comédia e os Irmãos Brothers são alguns exemplos de grupos bem-sucedidos que nunca diminuíram a estatura da inteligência de quem tem em torno de um metro de altura."

Mânia Millen

Não vai longe o tempo em que o teatro infantil servia, para muitos, como um trampolim para o teatro adulto. Considerado uma espécie de estágio, tanto para atores como para cenógrafos, figurinistas, diretores e afins, o "teatrinho" se virava como podia em meio a um mar de desprestígio, falta de verbas e até mesmo desconfiança. Felizmente sempre existiram as exceções, e um número reduzido de bons profissionais, dedicados exclusivamente ao teatro infantil, acabaram chamando a atenção. Separando o joio do trigo, abriram-se caminhos para que qualidade e seriedade fossem mais que uma rima, e se mostrassem compatíveis com o teatro feito para crianças.

De lá para cá muita coisa mudou, e hoje, com o apoio de empresas particulares e governamentais, o teatro infantil cresceu e apareceu, tornando-se um produto bem visto no mercado, disputado pelos profissionais e com grande aceitação por parte do público e da mídia. VERTENTE, ouvindo daqui e dali, gritos, ecos e sussurros, resolveu levantar um painel desta nova realidade, consultando, de um lado, quem faz, e de outro, pais e professores, podendo assim vislumbrar um painel desta nova realidade que passa a apresentar agora a seus leitores.

Uma questão que sempre vem à tona quando se fala em teatro (seja ele para que tipo de público for) é o de que o mesmo se encontra em crise. Às vezes de autor, às vezes de criatividade de seus atores e diretores, mas quase sempre de público. Na verdade, todos os segmentos ligados à cultura são os primeiros a sofrerem cortes quando o bolso aperta. Assim, em relação a quantidade de público, temos tido altos e baixos, já que nos últimos cinco anos, segundo a produtora Eveli Ficher, "o teatro ficou caro tanto para o público como para o produtor".

Talvez por isso mesmo, constatamos consternados (observando a pesquisa do instituto GERJ para o **Jornal do Brasil**) que apenas 7% da população do estado do Rio de Janeiro vai ao teatro de vez em quando, enquanto que 74% nunca vão.

No entanto, profissionais de teatro apontam outras causas para este desinteresse. Para a atriz e diretora Cacá Mourthé, a crise maior é de autores - " não se sabe o que dizer". "Penso que o teatro infantil ganhou prestígio e consideração nesses últimos anos mas perdeu em conteúdo". Dessa forma, segundo ela, "o

CESTAS DE NATAL LIDADOR O MELHOR PRESENTE

APOIO CULTURAL



LIDADOR

72 ANOS DE TRADIÇÃO

Rua da Assembléia, 65
tel: 533-4988
fax: 533-5391



PROGRAMAÇÃO
VISUAL

Marcelo Martins

tel: 294-4599

"O teatro está feito um doido procurando seu público, a qualquer preço, de qualquer jeito". Mas nem sempre foi assim. Caíque Botkay, músico, é de uma época em que se discutia muito o que fazer antes mesmo de se elaborar um texto. Poesia e preocupações sociais eram ingredientes indispensáveis para o trabalho de grupos como o Ventoforte, o Hombu e o Navegando. Assim, conteúdo era o que não faltava, embora houvesse uma inocência que não se afinava com as expectativas mercadológicas. Segundo Caíque, as metas centrais eram o coração dos homens e o combate a repressão social. Tudo junto.

Falta de público pode ser sintoma também de crise de identidade. Afinal, atualmente, o que é exatamente o teatro infantil? De olho nas premiações, criadores recheiam suas fichas técnicas de nomes consagrados, buscam as melhores salas e se esquecem do principal - o que falar, por que e para quem. Pais e professores apontam o problema com perplexidade. "Meus filhos vão ao teatro e não entendem nada. Não sei mais onde está o teatro para a faixa etária deles", diz Sônia Rodrigues, mãe de Rodrigo de 6 anos e Mariana de 5. Mas os próprios criadores, diante de suas platéias quase vazias, começam a desviar o olhar do lago e perceber que seus espetáculos belos, bem cuidados, onde os atores e adultos se divertem à beça, não impedem as crianças de desviarem a atenção do palco e brincarem entre si, com a linguagem que elas entendem, consumirem suas guloseimas ou abrirem o berreiro, pedindo para irem embora. Que há algo errado, não resta a menor dúvida!

Anja Bittencourt é atriz, diretora de teatro, crítica de teatro infantil e jurada do prêmio Mambembe infantil.

Dicas Teatrais

Carlos Augusto Nazareth

COISAS DO GATO DA VELHA Teatra Leblon - sáb. e dom. às 17:00h
DIÁRIO DE UM ADOLESCENTE HIPOCONDRIACO Teatro Villa Lobos - sextas-feiras às 17:30h
ESCONDE-ESCONDE Planetário da Gávea - sáb. e dom. às 17:00h
O CIRCO MÁGICO DE PROVOLONE, GOIABADA E GUARANÁ Museu da República - sáb. e dom. às 17:00h
OS IMPAGÁVEIS Teatro Gláucio Gil - sáb. e dom. às 17:00h

O Teatro Infantil tem seu público dividido em dois grandes blocos que se diferenciam claramente: um, de crianças menores, outro, de crianças maiores, o que não constitui, evidentemente, uma marca rígida - é apenas um referencial a mais. O foco primeiro é, sem dúvida, a criança como um todo.

Mas sabemos claramente quem é essa criança, hoje? Nós nos preocupamos com o fazer teatral voltado para a criança ou apenas com o fazer teatral? Aprofundamos as técnicas, e falamos sobre *pesquisa de linguagem*. E sobre a criança? Aqueles que criam para o público infantil conhecem profundamente esse seu público tão específico? Sabem da criança tanto quanto sabem do fazer teatral? O que nos parece, pelo que vemos no palco, é que esse vínculo se perdeu. Em nome de uma pretensa evolução de linguagem se perde o foco primeiro: a criança; e a evolução de linguagem exige, antes de tudo, que seus pesquisadores e realizadores estejam antenados com sua época e, principalmente com seu público, que queremos, sempre, emocionado, pensante, reflexivo, tocado pela arte eterna do teatro.

DESTACANDO



O espetáculo é o segundo da Cia. Artesanal de Teatro, que em 1996 montou **Romão e Julinha**. Com uma história simples, mas bem contada, a Cia. Artesanal coloca em cena

seu novo trabalho, revelando que há um talento em cena, num fazer, de fato artesanal, que transcende o nome da Companhia. Os jovens encenadores demonstram a paixão do fazer teatral, indispensável para que se tenha um trabalho vivo como este que apresentam no Museu da República.

A história é mais uma das muitas histórias de circo, mas as histórias são sempre as mesmas - já dizia Vladimir Propp que só há, no mundo, 47 estruturas de histórias. O que importa é como contá-las. E esta é contada com talento, eficiência e qualidade.

Os *pequenos pecadinhos* da montagem ficam por conta do *pequeno tempo* de estrada da Companhia; *pecadinhos* que a experiência, com certeza, se encarregará de sanar.

Mais que qualquer comentário técnico, a montagem em questão resguarda e preserva o imponderável da linguagem teatral para crianças que, muitas vezes, ao tentarmos defini-la, nos perdemos dela. A montagem atinge as crianças sem apelações, revelando que a Cia Artesanal de Teatro entende o universo da criança, e que faz seu teatro para elas.



O espetáculo é um referencial da temporada de 1996; este, voltado para uma faixa do público infantil mais carente ainda de bons espetáculos - aqueles de uma faixa etária mais elevada.

Sura Berditchevsky, numa direção primorosa e precisa, arrisca impor um ritmo próprio ao espetáculo; ritmo que, se de início, parece lento, vai se impondo e, ao final, se revela perfeito para se poder saborear o texto e a montagem. Habitados que estamos ao frenético ritmo do clip, o teatro - principalmente o voltado para a criança - parece que abdicou do seu ritmo próprio. E Sura faz a opção correta.

O texto aborda assuntos, os mais variados, voltados para o público a que se destina. Sura Berditchevsky, em sua montagem, nos mostra que espetáculos para crianças podem ser inteligentes e falar do universo pertinente a elas, sem deixar de ser um espetáculo para crianças - crianças de uma faixa etária maior, mas crianças, pré-adolescentes. E não se fala de drogas, sexo e *rock and roll*, e não se fala da primeira transa, da primeira camisinha, mas se fala de tudo isso só que sem o pastiche das outras encenações. Abordagem inteligente que coloca idéias em discussão, provocando o questionamento crítico dos assuntos abordados. Uma lição de bom teatro.

LECTOR

O jornal de quem lê.

Entrevistas com escritores,
editores e livreiros.

Dicas de livros e concursos literários.

Novidades da literatura infanto-juvenil.

Os bastidores do mercado editorial.

Assinaturas:

Tel: (021) 287-1235 247-6191

NO JORNAL VERTENTE VOCÊ SABE TUDO EM PRIMEIRA MÃO.

4/11 (20h)

FILME: "COMO NASCEM OS ANJOS", DE MURILO SALLES
PRÊMIO DE MELHOR DIREÇÃO E PRÊMIO ESPECIAL DOS
CRÍTICOS NO FESTIVAL DE CANNES

7/11 (18h)

LANÇAMENTO DO CD "CARINHOSO",
DO DUO BRASILEIRO DE VIOLAS (RICARDO FILIPO E
DUDA ANIZIO)

12, 13 e 14/11 (20h)

OSWALDO MONTENEGRO E BANDA,
COM O CORAL DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO

21/11 (13h)

LANÇAMENTO DO CD DE CARLOS MALTA,
COM A BANDA IRMANDADE (DO BATERISTA DO
ENGENHEIROS DO HAWAI)

21/11 (18h)

EXIBIÇÃO DE UM VÍDEO DA BBC DE LONDRES
ENTREVISTA COM CARL JUNG

23/11 (16h)

ESPETÁCULO INFANTIL "POPEYE", DE CARMEM LEONORA

(ESTAS SÃO APENAS ALGUMAS DE NOSSAS ATRAÇÕES DE NOVEMBRO.)

(INCLUSIVE A PROGRAMAÇÃO DO CENTRO CULTURAL GAMA FILHO.)



CENTRO *Gama* CULTURAL
Filho

RUA MANOEL VITORINO, 553 - PIEDADE
TEL.: 599-7237 • 599-7236 • 595-1617 (TELEFAX)

"...consegui juntar as duas coisas que mais me apaixonam"

Fanny Abramovich - hoje escritora profissional com quase trinta livros publicados para crianças, jovens e adultos. Sempre - educadora, arte-educadora; de formação - atriz, professora, pedagoga; de vocação: **artista**. Inquieta, transgressora, inovadora, questionadora. Ser político e social, e mais que tudo humanamente Fanny.

Como atriz começou no TPE, dirigido por Beatriz Segall; passou pelo TESP e fez TV para crianças. Como educadora foi uma longa jornada e uma larga experiência.

Fanny Abramovich acaba de lançar **Ziguezagues: andanças de uma educadora e escritora** - onde nos conta, com seu jeito bem humorado de falar, sua experiência profissional. Aqui, no VERTENTE, ela faz uma panorâmica do ontem e do hoje na arte, na educação, no teatro, na literatura para a criança e para o jovem.

V: Ao lermos Ziguezagues percebemos que sua matéria-prima, para qualquer das atividades que exerce, é a paixão. Onde está a paixão, hoje, nos educadores, nos artistas?

Fanny: A paixão está presente no jeito que cada um tem de viver, de levar as suas coisas, de se jogar no trabalho. Com tudo! Conheço muita gente amante do que faz, e também, muitos que vão levando. Não estão nem aí... Não posso nem compreender quem exerce uma atividade - seja qual for - desta maneira. Pra mim é com tudo. De corpo inteiro. Pra valer. Se não, nem vale a pena... Se não me envolvo com uma idéia, com um projeto, com uma escrivinhação, nem topo. Desisto antes de começar, mesmo porque já sei que não vai dar em nada que mereça atenção. Quero me sentir cutucada, mexetiva, em estado de alerta. Quero me envolver o tempo todo no que estou fazendo. Por isso, escolho o que faço. Se não curto, nem vem que não tem... Mantenho viva em mim a efervescência de minha adolescência. Continuo me perguntando muito, duvidando sempre, questionando tudo. Continuo um ponto de interrogação em ação. Mas já tenho os meus pontos de exclamação claros e muitas reticências pra muita coisa e muitas gentes pela aí.

"...eu era um imenso ponto de interrogação. É claro que continuava em grupos de teatro, militando na política partidária e universitária, namorando muito, agitando no grêmio, fazendo aulas de dança."

V: Tisuka Yamasaki em recente encontro universitário apontou uma certa apatia do jovem. Você também vê o jovem véspera do ano 2.000 desmotivado?

Fanny: Não, não vejo o jovem da véspera do ano 2.000 desmotivado. Ele não se entusiasma mais com as coisas que mexiam comigo, contigo, com a Tisuka. São outros os pólos de amor, outras as entregas desmedidas, outras perguntas, novas respostas. Acho que, essencialmente, pouca coisa muda. Melhor dizendo, mudam as modas. Não os modos...

V: Maria Clara Machado, Lúcia Benedetti, Tatiana Belinky, Ilo Krugli, os dois últimos com quem você teve o privilégio de trabalhar, escreveram a história do Teatro Infantil do país. São criadores; são referência. Onde estão os novos Ilos e Tatianas?

Fanny: Mas é bom lembrar que Ilo e Tatiana foram aceitos e consagrados quando já eram bem maduros. Não em plena juventude. Conheço os dois há muito, muito tempo. Sei do que batalharam, do que percorreram, o que procuraram e como lutaram... Lembro também a Sylvia Orthof, o João das Neves, os meninos do grupo Aldebarã de São Paulo, o Wladimir Capella, o Chiquinho Medeiros, o Grupo Hombu, o Fernando Augusto Santos do Mamulengo Só Riso, a beleza infinita dos bonecos do Giramundo que o Álvaro Apocalypse realiza... Tanta gente procurando o bonito, o inquieto, o novo, o poroso. Alguns acharam, outros ficaram no meio do caminho. Você mesmo, Carlos Augusto, bem que batalha duro pra encontrar e propor novos caminhos, traçar outros atalhos. Tem gente na luta. Tomara que encontrem as respostas e os aplausos merecidos. Ainda jovens, com vitalidade pra seguir estrada e desdobrar respostas.



Com ânimo e vigor pra encarar novas propostas. Chega deste país só fazer homenagens. Tá na hora de aplaudir, também, quem começa bonito e dum modo pleno. Quero também bater palmas pra homens novos, de outros pólos emergentes, com um novo olhar e outra sensibilidade pra inventar seus jeitos de contar histórias.

V: Em Ziguezagues você cita sua participação como orientadora pedagógica no teatro infantil do revolucionário Arena "para que os espetáculos fossem o melhor possível para a criança espectadora". O pedagogo, hoje, é visto com certa reserva pela intelectualidade. O que é que mudou? Mudaram os educadores, ou mudaram os artistas que fazem arte para criança?

Fanny: Trabalhei no Arena e no Oficina. Entrei

“...faziam: teatro e educação. E fazer disso profissão”



como educadora, mas também como ex-atriz. Tinha as duas experiências. Ricas, vitais, buscantes, perguntantes. Queria fazer o melhor teatro pra crianças. Não sei se os educadores de hoje adentram com tanta vivência no ramo como eu tinha. Não sei, também, se querem fazer o melhor espetáculo ou estão preocupados em ensinar inutilidades em geral, dentro duma cena dramática. Tem que distinguir claramente o que é o papel da escola e qual é o do teatro. Não confundir, não achar que qualquer espaço é o de uma sala de aula. Não cabe ao teatro ficar ensinando conteúdos escolares, didáticos. Chatos, repetitivos, cobrantes. Cabe ao teatro realizar um lindo espetáculo, pleno de beleza e inventiva, arrepiantemente poético e humorado. Contar uma boa história, mexer com os conflitos e conteúdos da condição humana. Cutucar pra pensar, pra refletir, pra enxergar além, pra deixar de ser míope mental... Cabe abrir portas da percepção e do

sensorial. Cabe iluminar, clarear, inundar de pura beleza. Cabe ser bom!

“Só sabia que para fazer meu caminho precisava saber muito, mas muito mais ainda”.

V: Como você vê a postura dos criadores, hoje, que voltam seu trabalho para a criança e para o adolescente?

Fanny: Vejo gente da maior qualidade ao lado de gente medíocre que não tem nada pra declarar. Se, chegou sem nada na alfândega, não tem nada pra dizer, então, não venha encher o saco da criança. Mas quando leio um texto mágico da Lygia Bojunga Nunes, uma sacada perspicaz e divertidíssima da Sylvia Orthof, quando me deparo com a lucidez da Ana Maria Machado ou a poetura deslizante do Bartolomeu Campos de Queirós, quero só aplaudir e pedir bis. Igualzinho quando vejo um espetáculo do Ilo Krugli ou escuto a beleza do Grupo Rumo cantando canções de ninar. Bato palmas entusiasmadas pros criadores, inventivos, mexetivos, antenados, que buscam a palavra exata, demore isto o tempo que demorar. O medíocre, bato o olho, levanto os ombros desanimada e deixo pra lá... Os muito ruins me irritam. Me deixam freneticamente brava. Fico deslumbrada quando encontro gente nova, apresentando um trabalho bom, sacador, promissor. Dou a maior força! Quero que entrem mais no mercado, que produzam mais, que tenham chances de mostrar o seu talento. Agora, a depuração se fará. Naturalmente. Só dar o tempo da história mostrar quem fica e quem não fica. Até a história recente, fazendo a gente se emocionar com a simples memória da boniteza inesquecível. Melhor do que Monteiro Lobato para crianças, neste país, ninguém...

V: Você trabalhou com “arte-educação”, falou de “criatividade-educação”, teve uma formação na pioneira Escolinha de Arte do Brasil. Hoje a arte-educação é assunto polêmico e controverso. Como você vê esse

seguimento e esse casamento da educação e da arte?

Fanny: Me dá muita canseira ouvir os professores de educação artística descobrindo, agora, coisas que a gente já falava há décadas passadas... Coisas que o Augusto Rodrigues urrava em 1948... Descobrir a América, sem ter lido o que já foi feito, procurado, achado, desistido, ramificado, por este Brasil, não dá... Acharia bom se os arte-educadores de hoje tivessem mais referências sobre quem os antecedeu. Altamente recomendável!!!

V: Você participou de quase 30 júris; essa experiência resultou num artigo primoroso baseado nas “barbáries” vistas e lidas. O artigo foi publicado pelo Jornal da Tarde (SP) em 1977. “Uma tragédia. E para crianças.” Quase vinte anos depois, o que mudou?

Fanny: Tristemente constato que pouca coisa mudou. Continuei participando de júris e me espantando com a falta de talento, de garra, de conhecimento teatral e infantil, de noção básica de conflito, de saber o que já foi pro palco com outros títulos, mas basicamente construído em cima da mesma idéia, de ausência de antenação com as modas e modos de hoje, de maravilhamento com o que é eterno e não está pedindo modernizações ridículas, etc, etc. Desânimo grandão!

V: Você distingue claramente o universo da criança e do jovem - “tenho três pastas - uma azul, pros livros infantis; outra, vermelha, para os juvenis...” Qual o universo da criança e qual o universo do jovem, hoje?

Fanny: O universo da criança e do jovem de hoje, no que tem de mais essencial, não é diferente do seu ou do meu. Medos, receios, perdas, sentimentos de rejeição, afetos não correspondidos, incompreensões, sentimentos de injustiça, tristezas e encantamentos. Claro surgem questões novas como a separação dos pais, a morte próxima por AIDS, os impasses da profissão, da Faculdade, dos mistérios do mundo, a conquistar e se assenhorar. Questão de perguntar pra eles, de trocar figurinhas, de ouvir a sua opinião, de estar em contato, de ter sempre os olhos abertamente acesos.

Leia Brasil! Um "caminhão" de leituras

Antonio Abreu

O velho casarão da Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, no início do século, servia de ponto de encontro de um português abastado e sua amante. Depois abrigou escoteiros, mais tarde seus salões serviram para festas suntuosas e ampararam o trabalho das Pioneiras Sociais.

Hoje atende à Casa da Leitura, um centro de referência, único no Brasil, sede do projeto "Leia Brasil", "um programa de incentivo à leitura, com bibliotecas volantes espalhadas pelo país, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional/PROLER", explica Maria Helena Ribeiro, coordenadora do projeto.

São oito caminhões volantes que cortam as estradas, munidos de um acervo de 15 mil livros que vão para as mãos de alunos do primeiro grau e professores de escolas públicas, por empréstimo. "Hoje também já estamos atendendo aos estudantes do segundo grau", completa Maria Helena.

O "Leia Brasil" existe desde 1992 e atualmente serve a 51 municípios de três estados: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O projeto engloba exposições de pinturas, oficinas de teatro, mostra de vídeos e atividades com contadores de histórias, em parceria com instituições como FIOCRUZ e FUNARTE.

O "Leia Brasil" atendeu, apenas este ano, a 250 mil alunos e 6.500 professores. Para o próximo ano, a intenção da coordenadora Maria Helena Ribeiro é estender o programa para outros estados brasileiros. Já estão na pauta trabalhos em Sergipe e Bahia, além de um caminhão para atender ao município de Macaé, no Rio, e um outro para servir o litoral de São Paulo.

Quando o "Leia Brasil" foi criado, Maria Helena Ribeiro verificou que para promover a leitura junto ao aluno era necessário estimular, primeiro, o professor, até então considerado um não-leitor. A bola de neve foi crescendo e a troca de informações foi estendida também aos pais, funcionários e à comunidade escolar. Criou-se o "Núcleo Permanente de Leitura", no qual de 15 em 15 dias os professores trocam experiências durante uma hora.

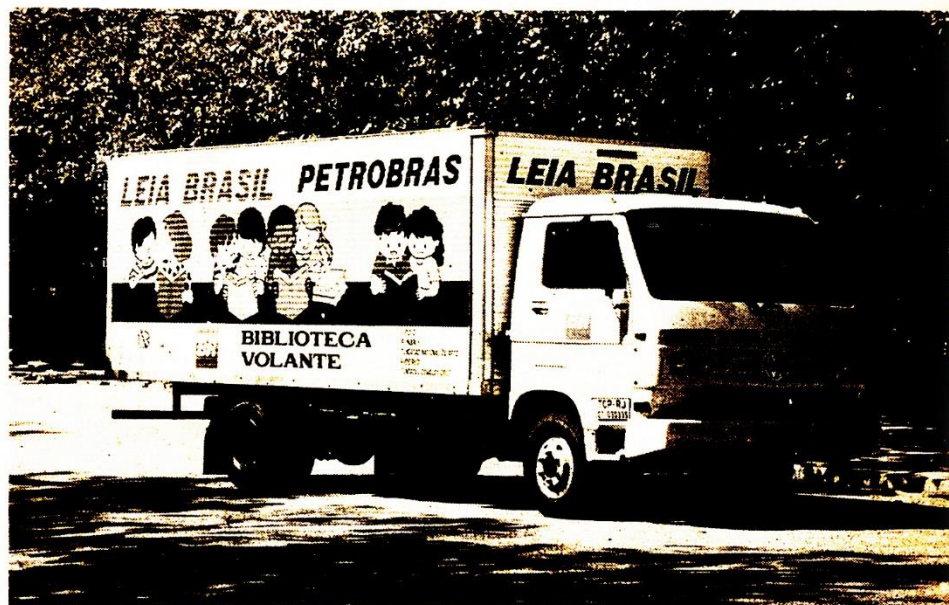
No início do projeto, grupos de contadores de histórias, "uma peça importante para despertar o gosto para leitura", saíam do casarão das Laranjeiras e ganhavam o mundo, atendendo a todos os municípios envolvidos no projeto. Com o passar do tempo, os municípios criaram seus próprios grupos. Hoje são 23 grupos de contadores de histórias em 23 lugares: 14 em São Paulo, oito no Rio de Janeiro e quatro em Minas Gerais; como o "Blá blá blá" em Santos, o "Animação" em Quissamã, ou o "Maria Mexe Angu" em São José dos Campos.

Desde a sua criação, a Casa da Leitura também vem promovendo

atividades, as mais diversas possíveis. Aos sábados é dia do "Encontro com o leitor", quando um grande nome da nossa literatura é convidado para falar de sua obra. Aos domingos são promovidos os "Círculos de Leitura".

A Casa da Leitura é a sede do PROLER - Programa Nacional de Promoção da Leitura. O programa articula iniciativas de incentivo à leitura, assessora e apóia instituições e grupos que reconhecem a prática leitora, um caminho para a participação do indivíduo no desenvolvimento econômico-social e na construção da cidadania.

O PROLER coordena o compromisso de parceiros que investem no esforço de levar o prazer da leitura à população. Hoje o programa atende a 300 municípios brasileiros. Maria Helena Ribeiro troca em miúdos a função do PROLER. "Descobrimos, por exemplo, em um distante município do Rio Grande do Sul, um rapaz com talento para contar histórias. Chamados para ir até lá, desenvolvemos um trabalho integral: conveniamos bibliotecas, universidades e centros culturais, e damos base de sustentação para que este novo pólo ganhe impulso. O PROLER é um trabalho amplo que atende a todas as linguagens. É uma leitura de mundo que transcende a do texto escrito".



Biblioteca volante do projeto Leia Brasil.

**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA
SEMPRE
UM
BOM LIVRO**

**A EDITORA NOVA FRONTEIRA
MARCA PRESENÇA NOS NOVOS
RUMOS DESTA VERTENTE.**

Rua Bambina, 25 - Rio de Janeiro - 22251-050 - tel: (5521) 537 8770 - fax: (5521) 286 6755

O boom dos contadores de histórias

Grupo Morandubetá

De repente os homens atravessaram o tempo. Por túneis, pirâmides, caravanas, mares e espelhos. E trouxeram histórias nas linhas das mãos. De todas as partes veio sempre alguém com uma história na boca, saindo pelos olhos, derramando-se pelo corpo, inventando cenários: um acampamento, uma varanda, um átrio de igreja, uma aldeia, uma vila, uma taba, uma casa de avó, uma sala de aula. Dos pequenos núcleos familiares ou populacionais às salas das bibliotecas e teatros, o contador de histórias manteve-se na ordem do dia. Alguns o quiseram esquecido, outros acreditaram na força solidária de quem junta pessoas para encantar pela palavra. Mais do que agregar, o contador de histórias tornou-se obrigatório na promoção da leitura e no resgate do lúdico e da fantasia!

Ao invés de ter virado fumaça no tempo, o contador de histórias se multiplicou. Hoje assistimos ao nascimento de muitos grupos - uma novidade para um ofício que foi quase sempre individual. Do ofício à oficina, muitas instituições têm investido na formação de contadores de histórias como garantia de permanência e transformação da cidadania. O fogo aceso para aquecer as salas de leituras se alastrou e ganhou a praça, o teatro, a televisão, as rádios, os clubes, as feiras de livros, os centros culturais. A atividade que parecia ser destinada a professores e bibliotecários, conquistou outros adeptos: atores, mímicos, músicos, estudiosos da literatura (oral ou não), poetas, escritores, avós, donas de casas, recreadores e até curiosos!

Com todo esse *frisson* veio também a necessidade de atentar para a qualidade do que se tem chamado de Hora do Conto ou Sessão de Contos - qualidade de quem conta e do que se conta. Num olhar de relance podem-se perceber

alguns atos prematuros, desde a escolha das histórias até o tempo de preparação. Num olhar mais minucioso pode-se descobrir que contar histórias não é uma tarefa fácil. É preciso técnica, muita técnica, decorrente da experiência, para não fazer da história narrada outra coisa diferente do que se propõe. As regras não são fixas, mas a transparência dos recursos utilizados fazem-nos descobrir que é preciso ensaiar muito, que não se pode abrir mão da qualidade literária dos textos contados, que contar uma história é diferente de dizer ou explicar uma história, que a voz e o corpo precisam contar juntos, que o repertório de um grupo não é garantia de sucesso para outro grupo, que a pesquisa e o conhecimento da literatura fazem a diferença, que a maturidade como leitor crítico

é indispensável.

Ler o mundo através da contação de histórias implica também uma opção estética, uma linguagem artística coerente e bem definida, sem a qual o ato de contar histórias não adquire o status de Arte, e fica sendo apenas um apanhado de histórias sem um fio condutor que as organize na forma de espetáculo.

Nesse momento em que parece haver um verdadeiro *BOOM* da Arte de Contar Histórias, e já que *boom* nos lembra bomba, talvez o tempo possa refluir ao contrário, fazendo explodir não uma Hiroshima atômica, mas um mundo repovoado de histórias, como caminho para a paz de quem se reconheceu cidadão. A bem da verdade parece que agora, no limite final do século XX, a arte de contar histórias está revigorada.

O Grupo Morandubetá de Contadores de Histórias é formado por Benita Prieto, Celso Sisto, Eliana Yunes e Lúcia Fidalgo.

Entre a cruz e a espada

Eliana Yunes

Quais seriam os critérios para sustentar uma leitura crítica de Leitura Infantil e Juvenil como suporte útil para a seleção de livros para crianças e jovens? A modernidade trouxe o quase consenso de que o crítico é um leitor cuja obrigação é ter um conhecimento amplo do tema e explicar com clareza a fundamentação de suas opiniões. Quem seleciona para crianças e jovens não precisa ser um crítico literário, mas deve ter alcançado a condição de leitor crítico. Além disso, dentro da moderníssima teoria da leitura, o leitor tem parte ativa no processo de interpretação, realizando uma interação com a obra, porque o campo de sentido é uma construção entre possíveis, cuja qualidade pode evidentemente diferir pela amplitude e especificidade de visão de cada leitor.

Isto exige que o crítico em literatura infantil seja uma pessoa do mundo, não confinada aos limites de convivência impostos à infância. Precisa, sim, ter familiaridade com leitores-destinatários de Literatura Infanto-Juvenil e com a produção de ontem e hoje, mas sobretudo a devida inserção cultural no contexto social e histórico, conhecendo a produção literária como um todo, obras nacionais e estrangeiras. As condições mínimas se duplicam para quem avalia livros infantis. O especialista crítico precisa expressar e debater suas idéias com frequência. Certamente em nosso ponto específico, é indispensável que o crítico tenha ampliado, ao invés de estreitar, sua percepção infantil de mundo. E incluir mais poesia, mais

aventura, humor sem ironia amarga, pois a criança não está imune à dor, a perdas, a perplexidades.

Mas não há como tornar a crítica inteiramente objetiva e impessoal. Ela deve ser responsável, explicitar-se, mas não pode desvencilhar-se de quem a emite. E as opiniões públicas estão aí para serem debatidas com paixão, se preciso, mas com seriedade absoluta face às limitações decorrentes da inserção social da obra e do crítico.

A leitura crítica, que sem academicismos todos poderíamos exercer, subscreve as seleções e recomendações. Quando alguém busca um livro de literatura, busca-o para alcançar um prazer, não o prazer morno e ordinário, mas algo que dê arrepios, leve à percepção nova das coisas, amplie a imaginação que lhe dê o sentimento do mundo e do homem. Há pois que se ler com dois olhos. Bem abertos.

Digamos que **com um olho** o leitor crítico abre a guarda da recepção e lê ansiosamente, sem estabelecer juízos, quase como a criança que mergulha na história. **Com o outro olho** o crítico perscruta o **como** e o **porquê** esta obra seduz ou ainda o **quê** é fonte de prazer para os pequenos leitores. É fundamental, pois, ler com o coração e mente: partir do emocional e sensível da leitura para uma análise crítica do livro.

Mas quais **os critérios de avaliação**? As listas às vezes orientam vendas ao invés de leitores, por uma deformação de mercado pobre em



Especializada em óculos de grau

Rua Afonso Pena, 193 - Tijuca - RJ
tel: 228.6754

leitores.

Mas há algumas coisas que se buscam encontrar nos bons livros, que de formas diversas foram já aqui levantadas. Partindo da qualidade literária, falou-se aqui da **originalidade** da abordagem que surpreende a criança e o crítico; do caráter **vital** que impele o leitor a colocar-se no lugar do outro, uma empatia que o faça encontrar-se com as personagens da obra e consigo mesmo, no melhor sentido da **catarse** aristotélica; da **verossimilhança** que convence o leitor, por mais fantástica que seja a obra, e que deve alargar sua **percepção do mundo**: são alguns dos critérios fundamentais. A moderna teoria da literatura nos passos da estética da recepção fala dos "vazios" que uma obra deixa à ação do leitor para que este se torne um co-autor, partindo de seu próprio horizonte de expectativa para rompê-lo. E obviamente a perspectiva da criança é fundamental para que ela possa encontrar ressonância de suas questões mais prementes. Podemos no debate levantar outros aspectos onde as dúvidas são maiores que as certezas: Com ou sem imagem? Com final feliz, sempre? Questões de gênero, postura do narrador, etc.

No fundo, a obra precisa refletir a articulação de muitos elementos, como em qualquer obra, e estabelecer outro critério: o de respeito pela inteligência e sensibilidade infantis.


Em qualquer caso, a obra deve poder ser considerada em diferentes níveis, convidar o leitor à releitura - **uma boa história** satisfaz as necessidades mais insuspeitas de quase todo leitor, sem diferenças de idade. O leitor pode não saber se o mundo real é bom, mas a obra se oferece como um distanciamento político e poético para ver o mundo, pois nela coabitam a imaginação e o real. Por isso a leitura literária não deve estar confinada às elites, como nos séculos passados. Ela é um instrumento de libertação pela linguagem.

Eliana Yunes é doutora em linguística e teoria da leitura e professora da UERJ e da PUC Rio.

TOQUES

LITERÁRIOS

família Lobato

Você está achando estranho que uma família inteira assine a mesma coluna de um jornal? É que adoramos literatura, e para evitar brigas, resolvemos indicar, separadamente ou em conjunto, os livros de que mais gostamos no mês. Me deram o prazer de começar por pura implicância, dizem que sou o mais falador e palpiteiro membro desta família. Me chamo Margarida e não vou revelar mais nada.  Prazer em conhecê-los e boas leituras.

Ziguezagues: Andanças de uma educadora e escritora de Fanny Abramovich; ilust. Marilda Castanha. São Paulo: Ed. Atual, 1996.

Mas eu não sou lobisomem! de Celso Sisto; ilust. Denise Rochoael. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1996.

Histórias de Mágicos e Meninos de Caique Botkay; ilust. Mariza Dias Costa. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Adolescente Poesia de Sylvia Orthof; desenhos Sylvia Orthof. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Coleção de Shakespeare de W. Shakespeare; adapt. Mary Lamb e Johnny Mafra trad. Márcio G. de Oliveira; ilust. Alicia Cañas Cortázar. Belo Horizonte: Ed. Dimensão, 1996.

Dizem que "os grandes perfumes estão nos pequenos frascos". É assim que me sinto lendo este livro de capa azul com um desenho branco desprezioso, mas carregado de significado. Será a própria Sylvia sempre adolescente? Então me envolvo no contexto e destrincho com avidez essas impressões poéticas de quem tem a alma risonha. É livro para se ler devagarzinho, saboreando cada página, uma por dia, e assim o livro será nosso companheiro durante 25 dias. É livro para agradar leitor com habilidade de leitura. Carrego o livro comigo, como um amuleto, para sonhar ou espantar a tristeza ou refletir. Penso em me apossar das poesias para presentear alguém, mas o bom senso retorna e prefiro comprar muitos desses livros e dar a todos os meus amigos e parentes. Assim divido a força dessa mulher guerreira, tão amor da gente. A poesia de Sylvia é extremamente feminina e impressionantemente ligada à adolescência. É poesia com gosto, cheiro e cor. Seus desenhos, espelhados muitas vezes, vêm de encontro ao duplo que é adolecer. Fica como proposta para a Ediouro que, na próxima edição, use um papel nobre, condizente com a beleza do texto e do desenho.

ADOLESCENTE
POESIA

HISTÓRIAS DE
MÁGICOS E
MENINOS

Quando comecei a ler, imediatamente pensei em mais um membro da minha família: Maurício Lobato, esse ser meio criança, que circula pela casa conversando com seu amigo imaginário. Quantas vezes temos construído castelos? Quantos sonhos sonhados à espera de outros? Quanta dor que dói mais que a dor doída? Ele e eu somos cúmplices na brincadeira de juntar palavras e idéias. O livro me ajuda a perceber que, na liberdade do pensamento, existe um espaço onde o jogo se estabelece e tudo pode ser o começo de outra coisa. Parece confuso? Nem tanto. Principalmente quando se lê com atenção e com olhos de dentro e de ver. Não adianta, depois desse livro não consigo resistir, e passo a brincar com palavras e significados, tal qual o Caique. Bote que Kay ou sobe? Sobe pela primeira vez para a literatura com seu livro de estréia, que vai interessar a leitores com habilidade de leitura. A história toca em vários assuntos, às vezes de difícil abordagem, transpondo para o mágico Mik a tarefa de puxar o fio da criação, desconstruindo e construindo os estereótipos e o pré-determinado, possibilitando ao garoto Kim experimentar aqueles saltos que nos fazem compreender o mundo ou tentar.

O título me chamou a atenção porque eu adoro lobisomens, mas só descobri o significado no final do livro. A história me fez lembrar da escola onde estudei, e como eu achava tudo imenso, impressão que só desapareceu quando, depois de adulta, voltei até lá. A amendoeira do pátio era muito menor do que eu imaginava. Essa foi uma das lembranças que depois foi puxando outras, tão gostosas quanto. Mas não se enganem, não é a história de uma menina, e sim de um menino, que pode ter qualquer nome. O autor, Celso Sisto, é um velho conhecido de minha família, e com esse livro demonstra que em qualquer tema ou estilo se sai muito bem. As metáforas do crescimento contidas nas entrelinhas vêm de encontro à sensação que tenho quando me aproximo de uma criança e penso no seu universo interior, cheio de dúvidas que muitas vezes não conseguimos explicar. A não ser que tenhamos crescido com "estrelas no olhar"(C.S.). As ilustrações são deliciosas, principalmente pela presença de um cachorro muito simpático, que acompanha as reflexões do menino ao mesmo tempo grande e pequeno. Um livro gostoso de ser lido pelas crianças, com alguma experiência de leitura, por ter muitos questionamentos e algumas respostas para o tão difícil e esperado ato de crescer.

MAS EU NÃO SOU
LOBISOMEM!

Vertente

ANUNCIE CONOSCO!

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA:
ESCOLAS - BIBLIOTECAS - TEATROS
CASAS DE CULTURA - CENTROS CULTURAIS

Rua Vicente Licínio, 154/102
Tijuca - tel/fax: 569-5680

Poucas andorinhas enfrentando o inverno

Marco Aurê

“Boneca de pano é gente, sabugo de milho é gente, o sol nascente é tão belo...” — Quem ainda não ouviu esses versos cantados por Gilberto Gil? É bem difícil que possa existir alguém que não conheça a música tema do **Sítio do Pica-Pau Amarelo**. Há vinte anos no ar, este seriado — contrariando a máxima — demonstra que o que é bom dura muito. O mesmo pode ser dito de qualquer tipo de manifestação artística, sobretudo no que diz respeito à esfera musical, incluindo, logicamente, as músicas voltadas para o público infantil.

Compor para crianças, compor para adolescentes, para adultos... será que esses direcionamentos produzem os efeitos desejados? Será que é possível classificar essas diversões? São questões polêmicas que, na prática, às vezes produzem resultados surpreendentes.

É comum a gente ouvir: “*Que musiquinha linda! É uma música infantil, as crianças devem adorar!*” (Pega-se a tal musiquinha com cara de disquinho cor-de-rosa, toca pras crianças com enorme entusiasmo e ... surpresa !!! Elas não dão a mínima.)

Criança, adolescente e adulto, gostam é de boa música. Claro que as imposições da mídia - uma enxurrada de porcarias sonoras em nossos ouvidos - acabam vencendo por espontânea pressão. Mas isso é uma outra história. Não podemos considerar Os Mamonas Assassinas e o Tiririca maravilhosos compositores pelo fato de as crianças cantarem de cor e salteado suas músicas. A identificação fica por conta da irreverência; nas letras, no caso dos Mamonas, e na forma “gaiata” de cantar, nos dois casos.

Raul Seixas e Rita Lee também conquistam pela irreverência e jeito “gaiato”, atributos semelhantes, só que com criatividade.

Xuxa, Mara-Maravilha, Eliana, Angélica, Sérgio Malandro... onde enquadrá-los?

O apelo visual dos apresentadores sobrepõe-se ao auditivo. O que seria deles enquanto cantores sem a televisão?

Paralelos a esse pacote musical que as crianças acabam engolindo, existem alguns compositores que colocam a inspiração em primeiro plano, mesmo não tendo o apoio da grande mídia. As poucas andorinhas que enfrentam o inverno têm um público fiel. Desta tribo podemos citar Bia Bedram (RJ), Grupo Rumo (SP), Paulinho Pedra Azul (MG) e Juraildes da Luz (BH) que, quando direcionam seu trabalho para a criança, conseguem a difícil proeza de tocar seu imaginário.

Existem também algumas obras musicais consagradas, voltadas para o público infantil: **Arca de Noé**, com letras de Vinícius de Moraes, musicada e interpretada por renomados artistas da MPB; **O Grande Circo Místico**, com letras de Chico Buarque de Holanda e músicas de Edu Lobo, originalmente escrito para um ballet; **Os Saltimbancos**, com músicas de Chico Buarque; a já citada trilha do **Sítio do Pica-Pau Amarelo**, e, mais recentemente, a trilha do **Castelo Rá-Tim-Bum**.

Pela escassez de produções fonográficas de qualidade, dedicadas ao público infantil, restamos como alternativa o teatro, onde, em alguns bons espetáculos, é possível ouvir canções que aguçam o lado lúdico de um espectador que conhece muito bem esse universo: a criança.

Marco Aurê é músico, compositor, diretor musical e professor de musicalização.

PLANETÁRIO CAFÉ

DÁ

BOAS

VINDAS

AO

JORNAL

VERTENTE



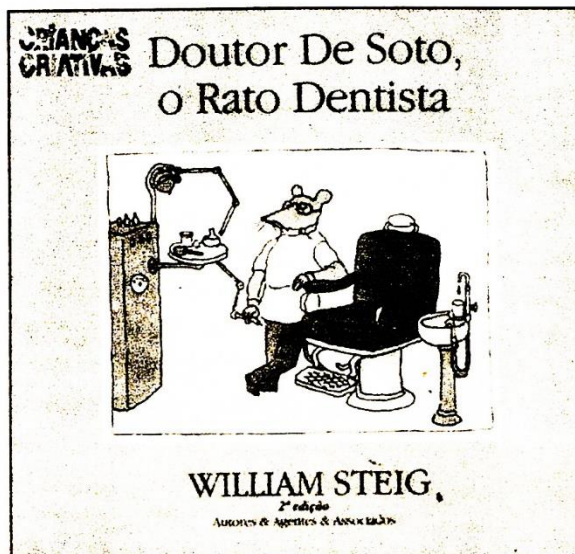
Remando contra Walt Disney

Eva Spitz

Quanto mais opções o reino encantado da tecnologia ofereça ao público infantil, maior a garimpagem a ser feita. Apesar da infinidade de desenhos animados inseridos na programação infantil, o berço é um só: os Estados Unidos. Também o material disponível nas locadoras de vídeo é repetitivo e quase todo ele calcado em Walt Disney. Nada contra. Mas em tempo de globalização é importante saber o que se passa mundo a fora. É, no mínimo, enriquecedor. Os criativos e poucos desenhos produzidos nos países da Europa Oriental, por exemplo, só aparecem no circuito das tvs educativas ou em mostras de filmes. Os desenhos animados produzidos por emissoras independentes da Europa como o *Channel Four*, da Inglaterra, começam a chegar nas tvs a cabo como "Grommit e Wallace", a excelente animação feita a partir de massinha de modelar que fez o maior sucesso no último Animamundi, no Centro Cultural Banco do Brasil, mas não são acessíveis a todos. Trata-se de um mercado cuja fartura é aparente; oferece pouca diversificação para um público que precisa mais do que nunca de opções de qualidade no momento chave da vida.

Na contramão da massificação do desenho animado, surge a editora Autores & Agentes & Associados, que procura cobrir essa carência, ao representar no Brasil vídeos de qualidade feitos a partir de desenhos de artistas gráficos e escritores latinoamericanos, como o nicaraguense Ernesto Cardenal, e de outros países da Europa, inclusive Oriental, com uma inovação curiosa: sem abrir mão do bom e velho livro de historinhas infantis, bem ilustrado e bem amarrado/narrado, que funciona como matriz.

O critério da editora é escolher livros de autores os mais diferentes possíveis e encomendar



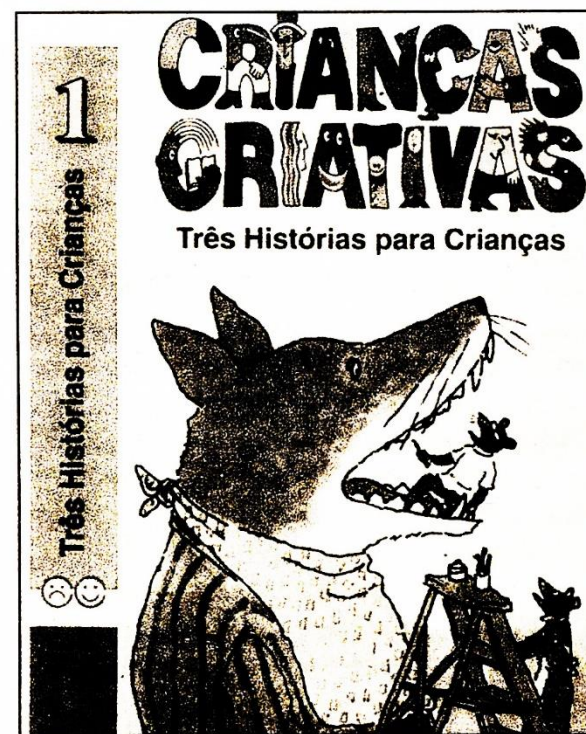
Livro da coleção Crianças Criativas.

os vídeos com as historinhas destes livros a artistas também diferentes, para que a criança tenha oportunidade de conhecer diferentes técnicas e diferentes narrativas de um mesmo produto e de produtos diferentes. A maior parte dos livros e vídeos são premiadíssimos em vários festivais internacionais e fazem parte da coleção *Criança Criativa*.

A editora representa no Brasil o Círculo das Crianças, grupo internacional muito conhecido no Japão, Alemanha, e é dirigida pelo escritor e artista gráfico italiano Gian Calvi, autor de 70 títulos publicados no Brasil, dos quais 25 também fora do país. **Um mundo para todos**, publicado em 14 idiomas, **A cidade perdida**, versão original criada para a Espanha, **Bichos fantásticos** e **A água que vai pro céu**, são alguns de seus livros mais conhecidos. Da série em vídeo já fazem parte 32 títulos de livros infantis. Entre eles o **Doutor de Soto**, **O rato dentista** e **Feliz aniversário, lua**.

"É quase o oposto do Disney. Enquanto os produtos da Disney enfocam o mesmo personagem em histórias repetitivas com técnica padronizada, oferecemos filmes com animação que reinterpreta a técnica dos artistas. No nosso caso, cada livro, vídeo, brinquedo, pretende oferecer um mundo independente, de modo que a criança ao ver uma fita, possa entrar em contato com três realidades diferentes. Do ponto de vista psicológico isso é básico para que a criança encontre o seu próprio mundo", diz Calvi.

Seus produtos já têm um público cativo: as escolas públicas e estaduais. Além disso, a turminha do Crianças Criativas é muito solicitada para dar cursos de técnicas de Criatividade aplicadas à sala de aula, principalmente nas escolas públicas municipais, estaduais e federais, e na América Latina. Através de parcerias com a Unicef, o Banco Mundial, o BID e outros organismos financiadores de projetos dessa natureza.



Vídeo da coleção Crianças Criativas.

ANUNCIE AQUI!

BOY-TIME

224 5055

MOTOCICLETAS
BOY A PÉ
FIORINO

A BOY-TIME apanha, entrega, paga, recebe, distribui brindes e convites. Enfim faz tudo para você não precisar sair de casa ou escritório. Ligue e peça o seu serviço.

Os diferentes passos da dança

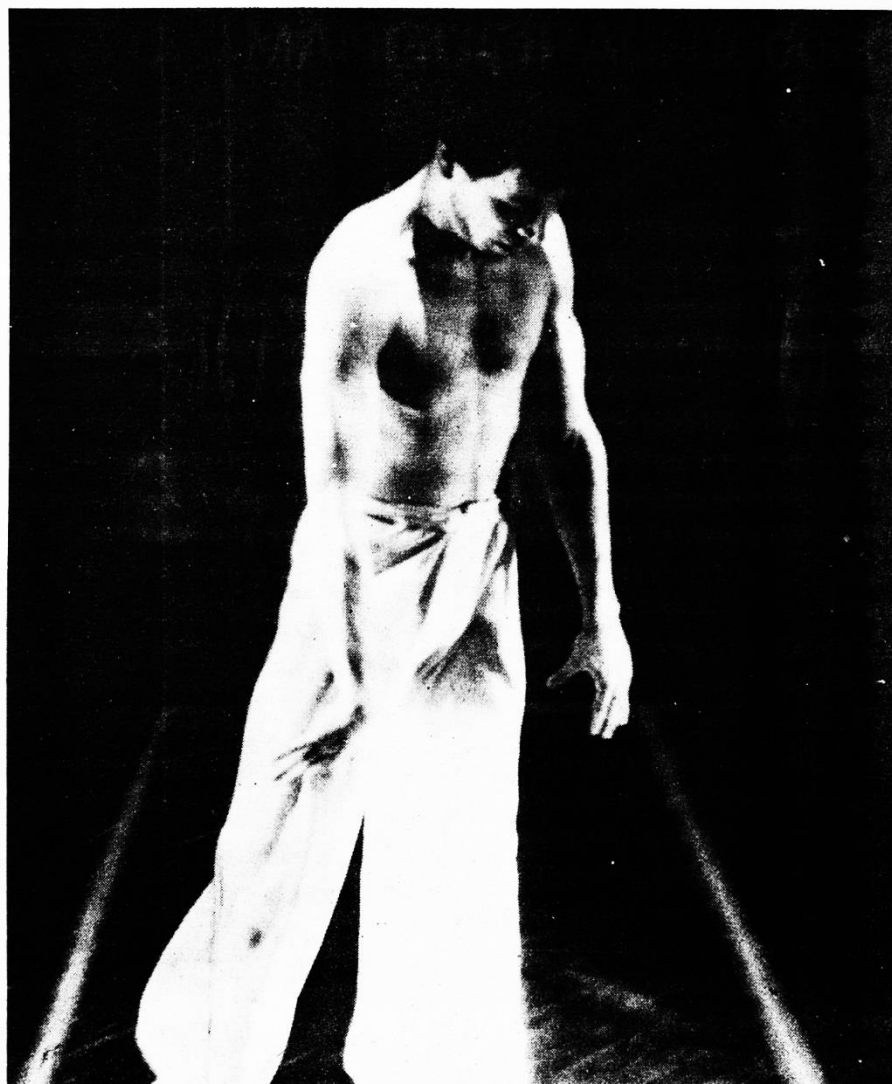
Flávio Graff

A diversidade de propostas é tal que dança e movimento caminham atualmente nos mais diferentes rumos, fazendo surgir escolas especializadas nas mais diferentes técnicas e vertentes: *"Hoje, no mundo, não temos uma única escola de pensamento, como se tinha no Renascimento, ou no Modernismo ou no Cubismo; os ismos desapareceram. Estamos em um momento rico. Apesar do aspecto caótico, a dança contemporânea acompanha um movimento que, ao mesmo tempo, trabalha a técnica do corpo e busca a expressão da alma, através de vários tipos de movimentos. A dança, corpo e alma podem, juntos, deflagrar um processo de autoconhecimento"*, afirma o diretor do Espaço Coringa, Michel Robin.

O Espaço Coringa e o Espaço Novo no Rio de Janeiro são pioneiros nessa busca de novos caminhos para a expressão corporal com arte. O Coringa criou um trabalho que visa, basicamente, o desenvolvimento pessoal através do **movimento**: *"algumas pessoas consideram o curso divertido, outras, terapêutico, outras até mesmo como forma de conhecer pessoas; uma possibilidade de encontro com o outro e, principalmente, consigo mesmo. Isso ocorre através da música, do movimento e do silêncio"*, diz Michel Robin. Suas aulas são procuradas por adultos, e também por pessoas em crise que ficam deprimidas e tentam encontrar um jeito alternativo de resolver seus problemas.

O trabalho desenvolvido no Espaço Novo, de Angel Viana, se assemelha ao desenvolvido pelo Coringa, pois ambos visam não só preparar o aluno para algo além da dança em si mesma, mas se diferencia na abordagem. A técnica do Espaço Novo é mais investigativa; procura desenvolver um conhecimento aprofundado do corpo; descobrir possibilidades, perceber nuances. Angel Viana mantém ativa a sua pesquisa e seu curso profissionalizante, possibilitando, além da formação em dança contemporânea, a especialização em métodos de recuperação motora e terapia para deficientes físicos, como explica o coordenador e produtor artístico da escola, Alexandre Franco: *"Através da dança a gente lida com corpos diferentes e idades heterogêneas. O que pretendemos é que o aluno possa criar uma linguagem pessoal e aprofundar a percepção do corpo através da anatomia e da fisiologia"*.

O trabalho criado por Angel Vianna se volta para a educação através da dança e para a expressão corporal no teatro, além da área da saúde. *"A Angel sempre diz que ela quer bailarinos que pensem e que se proponham a uma pesquisa aprofundada do corpo e dos processos criativos"*, comentou Alexandre Franco.



Alexandre Franco, coordenador e produtor artístico do Espaço Novo

Este movimento mais abrangente da dança na vida do indivíduo abre espaço para uma postura mais holística da vida, em que a estética e o bem estar físico e espiritual andam entrelaçados. Por isso, estes educadores acreditam que esse tipo de trabalho deve estar mais presente no processo de desenvolvimento da criança. Os pais devem possibilitar aos filhos essa renovação, acreditam.

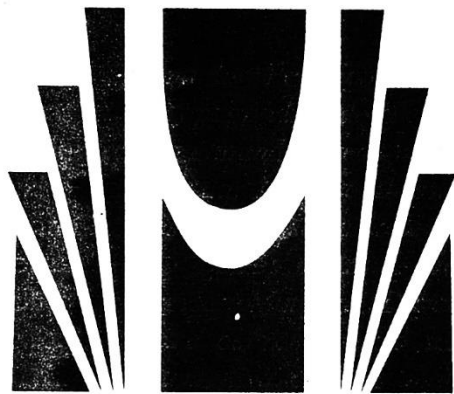
"Não acho que o momento seja de estar simplesmente em forma. A técnica deve manter o corpo acordado, treinar as suas possibilidades para depois se somar à alma e traduzir-se em expressão. Os pais devem compreender isso para poder conduzir as crianças nesse contexto e saber diferenciar uma escola que treina o corpo, de outra que permite a expressão do indivíduo", resume Michel Robin.

marcelo gráfica

25 anos de qualidade
gráfica e bureau

Rua Canindé, 32A
Rocha - Rio de Janeiro
CEP 20975 - 010
Tel: (021) 201-3643
Fax: (021) %81-95 72

Memórias futuras



e d i ç õ e s

Há 14 anos se aproximando dos anseios dos educadores que primam por novos rumos pedagógicos, ampliando o direito à informação responsável. O melhor em projetos didáticos e literatura infantil e juvenil.

Rua Pereira da Silva, 322
Laranjeiras - Rio
tels: 205-3549 e 225-2518

Esta carente, ignorada e disponível virgem: o público infanto-juvenil

Maria Helena Nazareth

Crianças e jovens não são categorias fixas, mas se referem a estágios do processo de desenvolvimento humano, um complexo encadeamento bio-sócio-cognitivo-emocional.

As perspectivas da criança, do jovem e do adulto são diferentes e podem ser descritas de acordo com as várias etapas do desenvolvimento. Cada fase da vida humana tem características e necessidades próprias. Temos uma história social, uma biológica, uma emocional e uma cognitiva, tudo isto integrado por um amplo processo geral. Do nascimento até a morte passamos por sub fases cuja riqueza se perde nas simplificações: crianças, adolescentes, adultos, velhos, etc.

Como criar um produto artístico para a criança, levando em conta cada fase de desenvolvimento, considerando os aspectos emocionais e cognitivos?

Até certo ponto da vida, a criança é atemporal e absoluta - são os bebês.

Quando a criança começa a diferenciar com clareza entre o EU e o mundo real em transformação, seu pensamento egocêntrico começa a articular significante/significado; sua perspectiva é, ao mesmo tempo, mais realista e mais fantástica que a do adulto. Realista porque tem menos certezas, categoriza menos, e a memória retém sem esforço, pois ainda é cheia de espaços. E mais fantástica porque as emoções são quase nada filtradas, a espontaneidade inspira perguntas sobre o imperguntável, proporcionando conteúdos e significados estranhos para o adulto.

À medida que a subjetividade progride para a definição de um EU diferente de um TU e que com ele se relaciona, a fronteira entre real e fantasia se demarca irremediavelmente, criando os

espaços interior e exterior, e o conhecimento da necessidade de pontes de transição entre eles. Esta transição proporciona o desenvolvimento emocional. Este ser que quase não é mais criança e ainda não é outra coisa tem que desempenhar uma diversidade de papéis na arena do seu cotidiano. O processo cognitivo, que até aqui tende ao concreto e ao formal, caminha para uma habilidade de abstração cada vez maior, para pensar o próprio pensar, até chegar ao sofisticado mundo das emoções adolescentes, ao pensamento simbólico, formação de conceitos, juízos e senso crítico, tudo isto preparando a entrada na vida do adulto jovem (outra fase?)

Que ninguém pergunte com que idade se delimita cada fase. Só muito ingenuamente se tentaria tal restrição. Porém, sem os prazos de faixa etária, a questão **adequação** permanece. A quem se destina?

O encontro da obra de arte e seu "consumidor" se dá na superposição das duas áreas lúdicas - de quem produz e de quem consome. Sem esta superposição o encontro não ocorre. Como maximizar a riqueza deste encontro? Que se pesquise, que se estude, que se instrumentalize para atender essa ainda ignorada e disponível virgem: o público infanto-juvenil.

Maria Helena Nazareth é psicóloga, psicodramatista, terapeuta, com Mestrado em Psicologia Aplicada, na Área de Comunicação, pela Fundação Getúlio Vargas



Arte-educação em discussão

Djalma Thurler
Eduardo Bakr

A escola é, enquanto instituição, o organismo encarregado de repassar conhecimento e cultura acumulados. A partir desta função, o que se vê, normalmente, é uma escola que apenas leva o aluno a "reproduzir" conceitos e conteúdos. Além desta função, inerente à instituição, a função da escola é levar o aluno a se expressar através dos diferentes sistemas de signos disponíveis em nossa sociedade. Porém o acesso a estes sistemas nem sempre é eficiente e os oferecidos para sua aquisição, em nosso contexto, nem sempre são democráticos. Em decorrência disto, a criança se transforma em espectador passivo de ideologias alheias, e é facilmente seduzido por elas, sem condições de interagir.

Como sistema de oposição a essa situação, tomamos como princípio "*ser a arte a base de toda a educação*" (Herbert Read). A atitude criadora constitui um ato de rebeldia na medida em que criar é transformar, é buscar soluções diferentes do já estabelecido.

O fato objetivo que coloca em funcionamento essas premissas é a obrigatoriedade do ensino da Arte nas escolas de primeiro grau, com a Lei Federal 5692/71. Foi criada, assim, a área de Educação Artística, englobando o ensino das Artes Plásticas, Música, e Teatro. Não havia, no entanto, no país, cursos de formação para professores com tal amplitude de conhecimento. O que havia era professores licenciados ou em Educação Musical, ou em Artes Plásticas, ou Desenho ou Artes Cênicas. Ninguém estava habilitado para essa polivalência.

O Município de Rio de Janeiro tentou superar o problema através de convênio com a Escolinha de Arte do Brasil. Embora fosse impossível transformar esses professores em polivalentes, este convênio lhes possibilitou contato com novas metodologias e com a filosofia da educação através-da-arte.

Nesse quadro, o ensino de arte nas escolas não poderia deixar de ser caótico - faltava a preparação de profissionais especializados e faltava consciência de uma política transformadora.

"(...) os professores estavam totalmente confusos acerca da metodologia e envolvidos na tarefa de entender seu papel de agentes de polivalência: preocupados em obedecer à legislação, ensinavam, sem saber, música, teatro e artes plásticas, ao mesmo tempo. Na melhor das hipóteses, o resultado das aulas era um show de variedades onde se ouvia disco, gesticulava e desenhava o que queria(...)"

Ana Mae Barbosa, *Arte-educação*,
SP, Max Limanad, 1984, p.24

Passados estes anos primeiros, hoje em dia a UNI-RIO, a UERJ e a UFRJ, entre outras instituições, formam, a nível de graduação, Arte-Educadores, sob a denominação de Licenciado Pleno em Educação Artística.

A Educação Artística, competentemente introduzida nas escolas, converte-se na própria produção criadora, permitindo à criança reelaborar a sua forma de ver o mundo. Possibilita a ela que se expresse, a partir de suas próprias percepções e sentimentos, através de formas que dão significado a esses sentimentos. A prática artística é uma prática alternativa e contraditória em relação às práticas coesificadoras do mundo de hoje. Opõe-se às práticas tecnológicas e tecnocráticas que eliminam o sonho, a fantasia, a imaginação, a criação. Isso, no entanto, não significa a negação da razão e da ciência, mas sua complementação com a imaginação produtiva.

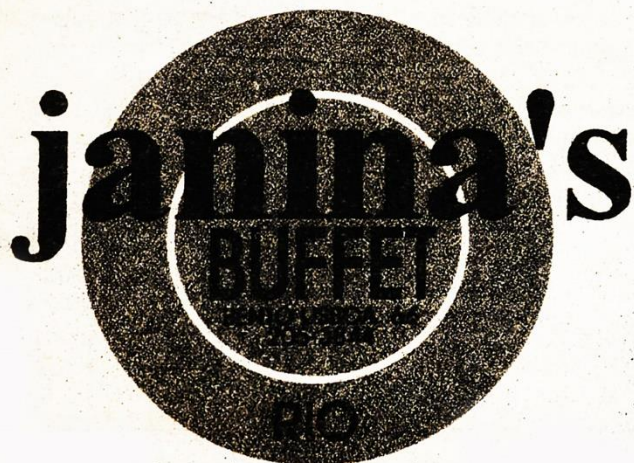
O estudo da arte abrange o fazer artístico, a apreciação estética, a análise das obras de arte, das artes tradicionalmente reconhecidas, e daquelas não consagradas.

A arte-educação deve estar preocupada com a auto-expressão, o auto-conhecimento da criança, com a liberdade criadora que leva ao desenvolvimento amplo e harmonioso da personalidade. Se não colocarmos esse princípios em prática, estaremos desperdiçando as excelentes virtudes educativas propostas na filosofia pura da arte-educação. Estaremos deixando de promover o amadurecimento harmonioso cognitivo-emocional da criança e corroborando a depreciação do termo, da prática, e da ação da arte-educação. Estaremos engrossando o coro daqueles que acham e entendem que Arte-Educação é "hoje vamos fazer teatrinho". E nada mais.

Djalma Thurler é Mestrando em Epistemologia da Arte, Pedagogo, Bacharel em Artes Cênicas e Professor de Interpretação da Escola de Teatro Martins Pena.
Eduardo Bakr é Arte-Educador, Ator e Autor de Literatura Infante-Juvenil.

O caráter polissêmico da linguagem da arte, ao apontar para a exceção, a imprevisibilidade, a indeterminação, a mudança, representa uma ameaça constante à burocratização da vida escolar. Os bons professores de arte planejam suas atividades considerando este aspecto. Garantindo liberdade de criação e imaginação, promoveremos mudanças significativas nas práticas escolares.

Maria das Graças Pires Fernandes



SERVIÇO COMPLETO DE BUFFET

- .casamentos, bodas, aniversários, etc
- .serviço de garçom e copeiro
- .louças, copos, taças e talheres
- .refeição a quilo na loja
- .atendimento de refeições para filmagens

VERTENTE - abriga todo o pensamento que inquiete o artista, o educador, o homem preocupado com o fazer cultural dirigido especificamente à criança e ao adolescente.

VERTENTE é um espaço de discussão, debate, questionamento aberto a todos que produzem cultura; aos responsáveis pela formação integral da criança e do adolescente; aos responsáveis, portanto, pela formação cultural do país.

VERTENTE abriga todas as correntes de pensamento e ideologias e se coloca como fórum permanente de debate e questionamento, criando possibilidades para novos caminhos e novas indagações.

VERTENTE, sem ter a preocupação de ser erudito, tem a preocupação de ser extremamente sério e competente - mais que tudo: atraente - de forma que possa trazer às nossas páginas, como colaboradores ou leitores, novos pensadores.

VERTENTE abrigará mensalmente o teatro, a literatura, a música, o cinema, a dança, as artes plásticas; ensaios, artigos, matérias jornalísticas, sem perder nosso foco: a criança, o adolescente e as manifestações culturais especificamente dirigidas a eles.

VERTENTE trará, além da visão dos especialistas, a visão dos teóricos da educação, da psicologia, da filosofia, da sociologia, enfim, de todas as áreas do conhecimento humano.

VERTENTE vem criar espaço para uma discussão permanente, servindo, dessa forma, como elemento facilitador de mudanças, e como tal está aberto a colaborações que estejam dentro de sua linha editorial, e que sejam aprovadas pelo **Conselho Editorial**.

VERTENTE vem preencher uma lacuna editorial com sua proposta de discussão; registro de idéias e movimentos relativos à área de conhecimento que enfoca. Com sua proposta de informação *latu sensu* pretende fomentar o pensar artístico através desta troca permanente. É um espaço aberto aos profissionais da área - sejam bem-vindos!

**VOCÊ ACABOU DE LER O Nº DO JORNAL
VERTENTE QUE ENTRARÁ EM CIRCULAÇÃO
REGULAR A PARTIR DE JANEIRO DE 1997.**